



O MODELO CONSTANTINIANO NAS REALEZAS GERMÂNICAS TARDO-ANTIGAS

Luís Eduardo Formentini
Mestre em História – UFES

RESUMO: O imperador romano Constantino é uma das figuras mais discutidas da historiografia tardo-antiga. Seu governo de aproximadamente trinta anos (306-337) é o marco inicial do processo de cristianização da instituição imperial romana e da figura do *basileus*, assim como o começo de relações mais estreitas entre Igreja e Império. Além disso, Constantino, após sua morte, foi transformado em exemplo de conversão ao cristianismo e modelo de imperador cristão, através da obra de Eusébio de Cesareia. Em nosso trabalho, discutiremos como esse “modelo constantiniano” foi utilizado, séculos depois, na construção da imagem do monarca ideal, no Reino Franco merovíngio e no Reino Visigodo da Hispânia.

Palavras-chave: Constantino, conversão, episcopado, Eusébio de Cesareia, Providência.

ABSTRACT: The Roman emperor Constantine is one of the most discussed characters in Late Antique historiography. His 30-year government is the starting point of the Christianization process of the Roman imperial institution and the person of the *basileus*, as well as the beginning of closer relations between Church and Empire. Besides, Constantine, after his death, was transformed in an example of conversion to Christianity and a model of Christian emperor, by the works of Eusebius of Caesarea. In our work, we will discuss how this “constantinian model” was used, centuries later, in the construction of the image of the ideal monarch, in the Merovingian Frankish Kingdom and the Visigothic Kingdom of Hispania.

Keywords: Constantine, conversion, episcopate, Eusebius of Caesarea, Providence.

Nascido em fins do século III, elevado à púrpura imperial ao vencer seus adversários nos conflitos que agitaram o Império Romano após a abdicação de Diocleciano em 305, Constantino é uma das figuras mais discutidas da historiografia tardo-antiga. Seu reinado é o marco inicial do processo de cristianização da instituição imperial romana, assim como o começo de relações mais estreitas entre Igreja e Império.

Em nosso estudo, nos deteremos no “modelo constantiniano”, ou seja, na transformação do imperador Constantino em exemplo de conversão ao cristianismo e de governo cristão. Tal modelo foi consideravelmente utilizado nos reinos germânicos a partir do século V, embora não necessariamente tal adoção significasse um juízo positivo de Constantino: o mais importante para os escritores do Ocidente germânico romanizado era a conversão ao cristianismo do imperador, apesar das controvérsias que cercam tal fato.

Uma análise histórica da figura e das ações de Constantino torna-se bastante dificultada pelas paixões inerentes a muitos debates sobre ele: santo e herói da Igreja para uns, oportunista e traidor dos “princípios da Igreja primitiva” para outros, a pessoa de Constantino é o centro de um turbilhão de debates e disputas ideológicas. Não é objetivo do presente trabalho deter-se profundamente nas idealizações ou execrações de Constantino, embora estejamos conscientes da importância do debate historiográfico sobre este tema, e de sua atualidade.

Em nosso trabalho, a importância de Constantino reside no modelo de conversão ao cristianismo que foi construído em torno de sua pessoa. Tal modelo foi utilizado pelos cronistas eclesiásticos dos reinos germânicos tardo-antigos. Na Gália franca, o rei Clóvis foi comparado a um novo Constantino pelo bispo Gregório de Tours (GREGÓRIO DE TOURS, *Historia Francorum*, II, 31). Tal comparação também ocorre na Hispânia visigótica, quando o também bispo João de Bicláro descreve a adoção do catolicismo por Recaredo (JOÃO DE BÍCLARO, *Crônica*, c. 24).

O escritor cristão Eusébio de Cesareia forneceu o modelo em sua *Vita Constantini*

(Vida de Constantino), escrita em torno de 340.⁴³⁰ Essa obra tem como objetivo glorificar a memória do “abençoado” imperador, celebrando-o como o instrumento de Deus para o triunfo do cristianismo no Império Romano. Para isso, Eusébio apresenta o imperador desde a infância como um predestinado, um escolhido do céu para a missão de levar o cristianismo ao Império. Ao relatar a juventude de Constantino, Eusébio o coloca num patamar de virtudes, tanto morais quanto físicas, bem acima de seus companheiros de juventude:

Em beleza física e altura corporal ninguém podia comparar-se a ele; em força física ele em tanto excedia seus contemporâneos que lhes inspirava temor; ele se orgulhava antes nas qualidades morais do que na superioridade física, enobrecendo primeiramente sua alma com autocontrole, e logo após, se distinguindo pela excelência de sua educação retórica, sua perspicácia nata e sua sabedoria dada por Deus (EUSÉBIO DE CESARÉIA, *Vita Constantini*, I, c. 19, tradução nossa).⁴³¹

Ou seja: Constantino, segundo a interpretação de Eusébio, era um cristão em potencial ou “quase cristão”, possuindo todas as virtudes evangélicas. O único passo que faltava era o reconhecimento do Deus cristão como o único deus verdadeiro. Como analisaremos mais adiante, Clóvis e Recaredo também são apresentados de maneira semelhante nas crônicas de Gregório e Isidoro, respectivamente.

Outro modelo que Eusébio apresenta em seu livro é a conversão de Constantino como fruto de uma intervenção divina direta: trata-se do famoso episódio da Ponte Mílvia, quando Deus concedeu ao soberano, segundo Eusébio, a visão da cruz, prometendo-lhe a vitória, caso a adotasse como símbolo. Após Constantino ter procedido de acordo com a revelação, venceu seu rival Maxêncio e teria aderido ao cristianismo. A passagem da *História dos Francos*, de Gregório de Tours, que relata a conversão de Clóvis, guarda grandes semelhanças com seu predecessor eusebiano, conforme analisaremos adiante.

Por fim, a partir da obra de Eusébio, desenvolve-se a noção do soberano como

⁴³⁰ Nascido por volta de 260 na Palestina, Eusébio, bispo de Cesareia, é considerado o “pai da história eclesiástica”. Entre suas obras destaca-se a *Historia Eclesiástica*, que intenciona relatar a história do cristianismo desde Jesus até o tempo de Eusébio. Quando da controvérsia ariana, defendeu a subordinação do Filho ao Pai. Faleceu em 339.

⁴³¹ In handsome physique and bodily height no other could bear comparison with him; in physical strength he so exceeded his contemporaries as even to put them in fear; he took pride in moral qualities rather than physical superiority, ennobling his soul first and foremost with self-control, and thereafter distinguishing himself by the excellence of his rhetorical education, his instinctive shrewdness and his God-given wisdom.

apóstolo: a conversão de Constantino não dizia respeito somente a ele mesmo, mas também a todo o povo do Império, a quem o imperador teria conduzido à religião cristã. Desse modo, Constantino se assemelha aos apóstolos de Cristo, que anunciaram o Evangelho a todos os povos “até os confins da terra”⁴³². A *História Eclesiástica*, também escrita por Eusébio de Cesareia, encerra com um elogio apostólico a Constantino:

Desse modo, em verdade, quando toda a tirania foi expurgada, o reino que lhes pertencia foi preservado intacto e indisputado para Constantino e seus filhos os quais, quando tomaram como primeira ação livrar o mundo do ódio a Deus, conscientes das boas coisas que ele os concedeu, demonstraram seu amor à virtude e a Deus, sua piedade e gratidão pela Divindade, pelos feitos que manifestaram aos olhos de todos os homens (EUSÉBIO DE CESARÉIA, *História Eclesiástica*, v. 9, X, c. 9, tradução nossa). 433

Francis Oakley (2006, p. 74) observa que o bispo de Cesareia apresenta Constantino revestido de um caráter providencial, como um instrumento de Deus contra as forças do mal. Com o imperador cristão, *ecclesia* e Império Romano tendem a confundir-se no pensamento eusebiano (MARVILLA, 2007, p. 123). Tais ideias permanecem na Igreja do Ocidente, mesmo que boa parte do século IV seja marcada por conflitos entre o clero niceno e os imperadores que favoreciam o arianismo, como Constâncio II. Ao surgirem os reinos germânicos nos séculos V e VI, tais ideias são transmitidas aos seus reis, pois seus monarcas, a partir do momento em que adotaram o catolicismo, também são investidos pela Igreja de uma missão espiritual, que consistia na supressão do paganismo, bastante presente no meio rural, e das heresias, principalmente o arianismo.⁴³⁴ Ou seja, a instituição monárquica deveria colaborar para a obra da salvação, assim como Constantino o teria feito

A Gália merovíngia: Gregório de Tours e Clóvis

Concordamos com Reydellet no sentido de que Clóvis não era, para o bispo de Tours, o modelo de bom rei. A importância de Clóvis no conjunto da *Historia*

⁴³² Mt 28, 27.

⁴³³ Thus verily, when all tyranny had been purged away, the kingdom that belonged to them was preserved steadfast and undisputed for Constantine and his sons alone; who, when they had made it their very first action to cleanse the world from hatred of God, conscious of the good things that He had bestowed upon them, displayed their love of virtue and of God, their piety and gratitude towards the Deity, by their manifest deeds in the sight of all men.

⁴³⁴ O arianismo era uma corrente cristã que basicamente negava a igualdade de Cristo com o Pai e, conseqüentemente, sua divindade.

Francorum residia em seu papel de instrumento da Providência divina. Todavia, em nossa opinião, não se pode negar as “cores heroicas” com as quais Gregório pinta Clóvis e seu reinado. Ele é o monarca guiado pela Providência, o herói a serviço de seus desígnios: o triunfo do catolicismo na Gália e a unificação política desta.

Ao compararmos o perfil de Clóvis construído pelo bispo de Tours com a imagem de Constantino por Eusébio, vemos que esses governantes são retratados como escolhidos da Providência, cujas qualidades divinamente concedidas possibilitaram suas vitórias e triunfos. Gregório não deixa de reafirmar que o rei merovíngio “fazia o que agradava aos olhos de Deus”. Mesmo a eliminação dos demais reis francos se insere na ótica providencialista do bispo de Tours: eram passos para a unificação da Gália sob a égide de Clóvis e seus filhos. Comparemos com o relato de Eusébio sobre Constantino:

Como um servo bom e leal, ele, [...] abertamente denominando-se um escravo e confessando-se um servo do Todo-Poderoso, enquanto Deus, em recompensa, prontamente o fez Senhor e Déspota, o único Conquistador a permanecer entre os Imperadores de todos os tempos. Irresistível e Invencível, sempre Conquistador e sempre brilhante com triunfos sobre os inimigos, Imperador tão grande como ninguém foi nos relatos antigos, tão Amado por Deus e três vezes Abençoado, tão verdadeiramente piedoso e cheio de felicidade, que com grande facilidade governou mais nações do que aqueles antes dele, e manteve seu domínio incontestável até o fim (EUSÉBIO DE CESAREIA, *Vita Const.*, I, c. 6, tradução nossa).⁴³⁵

Dessa forma, como herdeiro da tradição eusebiana, Gregório estabelece uma relação de causa e efeito: Clóvis é abençoado por Deus porque age retamente, assim como suas ações “agradáveis” são fruto da predileção divina.

Apesar do caráter “constantiniano” de várias passagens da *Historia Francorum* a respeito de Clóvis, não consideramos correto afirmar que Gregório de Tours considerava o rei franco como um êmulo de Constantino. Na realidade, quando nos detemos no capítulo 36 do *Livro I*, que versa sobre este imperador, não há o tom laudatório de Eusébio, nem os elogios que o próprio Gregório faria a Clóvis. Limita-se a relatar o fim das perseguições e a paz alcançada pelas igrejas durante seu

⁴³⁵ As a loyal and good servant, he, [...] openly calling himself a slave and confessing himself a servant of the All-sovereign, while God in recompense was close at hand to make him Lord and Despot, the only Conqueror among the Emperors of all time to remain. Irresistible and Unconquered, Ever-conquering and always brilliant with triumphs over enemies, so great an Emperor as none remains ever was before in reports of those of old, so Godbeloved and Triceblessed, so truly pious and complete in happiness, that with utter ease he governed more nations than those before him, and kept his dominion unimpaired to the very end.

reinado, além do suposto achado da cruz de Cristo por Helena, mãe do imperador. A única ação realizada por Constantino mencionada por Gregório é a execução de sua esposa Fausta e de seu filho Crispo, acusados de conspirarem contra sua pessoa (GREGÓRIO DE TOURS, *Hist. Franc.*, I, c. 36).⁴³⁶

Não há menção à batalha da Ponte Mílvia, nem a alguma revelação divina, nem elogios às pretensas virtudes desse imperador. Mas então, como explicar o título de “novo Constantino”, dado pelo bispo de Tours ao rei franco? Gregório apenas se utilizou do modelo de governante guiado pela Providência, aplicando-a, na *Historia Francorum*, especialmente a Clóvis. Além disso, a conversão deste imperador, como relatada na *Vita Constantini* é um modelo no qual o bispo de Tours baseia a adoção do catolicismo por este rei.

Um dos pontos centrais da *Historia Francorum* é a narrativa concernente ao batismo de Clóvis, quando este adota o catolicismo. É importante lembrarmos que, em um Mediterrâneo Ocidental governado por reis germanos arianos, a conversão dos francos ao catolicismo constituiu evento de importância, não apenas para seus contemporâneos, mas também para a posteridade, que contribuiu para que o evento se revestisse de um caráter heroico, milagroso e providencial.

Não é nossa intenção, nessa parte do trabalho, analisar a “sinceridade” ou não do batismo de Clóvis, nem discutir a profundidade da conversão dos francos ao catolicismo e a permanência do paganismo entre os francos.⁴³⁷ Também não entraremos no debate a respeito da veracidade do relato batismal encontrado na *Historia Francorum*.⁴³⁸ Nosso objetivo é estudar como a construção da narrativa do batismo, feita pelo bispo de Tours, nos ajuda a compreender sua concepção da realidade merovíngia.

⁴³⁶ Desse modo, a ação de Constantino pode ser interpretada como legítima defesa.

⁴³⁷ A título de exemplo, os concílios reunidos na Gália do século VI frequentemente promulgavam cânones contra as práticas pagãs, principalmente no campo.

⁴³⁸ A historicidade do capítulo 31 do *Livro II* é tema de grandes debates historiográficos. Pesquisadores mais ligados à Igreja, como Léon Levillain (1935, p. 192), consideram autêntico o relato do batismo em Gregório. Wood (1994, p. 85) recomenda muita cautela ao analisarmos esse relato. A posição desse autor se baseia no seguinte argumento: a *Historia Francorum* foi escrita um século depois dos acontecimentos a respeito de Clóvis. Para Wood (1994), o documento central para estudarmos o batismo de Clóvis é a carta de felicitações que o bispo Ávito de Vienne enviou ao rei franco. Já Cândido da Silva (2008) e Reydellet (1981) aceitam a versão de Gregório como bastante acurada.

Notamos um paralelismo entre Clotilde, esposa de Clóvis, na *Historia Francorum*, e Helena, mãe de Constantino, na *Vita* escrita por Eusébio. Embora o bispo de Cesareia não diga que Helena exortou seu filho a converter-se, fica claro que suas orações e obras de devoção e caridade tiveram influência sobre Constantino, contribuindo para que este se tornasse cristão. Ela seria, de acordo com Eusébio: “a mãe amada por Deus de um imperador amado por Deus” (EUSÉBIO DE CESAREIA, *Vita Const.*, III, c. 43).

A conversão de Constantino é o modelo para a conversão de Clóvis. Ambos receberam a “revelação” do Deus cristão num contexto de guerra contra um inimigo poderoso: os alamanos em relação a Clóvis e o general Maxêncio para Constantino. A vitória alcançada pelos dois monarcas é fruto da intervenção divina, invocada por estes. Finalmente, em agradecimento, Constantino e Clóvis prometem tornarem-se cristãos.

Nesse ponto, entra o papel de Remígio, bispo de Reims: convocado em segredo pela rainha, o bispo vai até Clóvis para ensinar-lhe os princípios da doutrina católica. Descrito por Gregório como um bispo sábio e versado em retórica, Remígio se destacava por sua santidade, igualando-se a “Silvestre por seus milagres”. Ora, Silvestre era o bispo de Roma no reinado de Constantino, batizando-o em seu leito de morte. Temos aí mais uma evidência da construção “constantiniana” do batismo de Clóvis, segundo Gregório. Tal modelo encontra sua expressão mais aparente na seguinte passagem:

Foi o rei quem pediu primeiro para ser batizado pelo pontífice. Ele avançou, novo Constantino, até a piscina, para se curar da doença de uma velha lepra e apagar manchas sujas feitas anteriormente. [...] Mais de três mil homens de seu exército foram igualmente batizados (GREGÓRIO DE TOURS, *Hist. Franc.*, II, c. 31, tradução nossa, grifo nosso).⁴³⁹

Eusébio relata o batismo de Constantino nesses termos:

Único dentre todos os Imperadores desde o começo dos tempos, Constantino foi iniciado, pelo renascimento, nos mistérios de Cristo, e exultou no Espírito ao ser escolhido pelo selo divino, além de ser renovado e preenchido da luz divina, rejubilando em sua alma por causa de sua imensa fé, impressionado pela manifestação de um poder de inspiração

⁴³⁹ Ce fut le roi qui le premier demanda a être baptisé par le pontife. Il s'avance, *nouveau Constantin*, vers la piscine pour se guérir de la maladie d'une vieille lepre et pour effacer avec une eau fraîche de sales taches faites anciennement. [...] Plus de trois mille hommes de son armée furent également baptisés. (grifo nosso)

divina (EUSÉBIO DE CESAREIA, Vita Const., IV, c. 62, tradução nossa).⁴⁴⁰

O título de “novo Constantino” dado a Clóvis pelo bispo de Tours remete à nova etapa para a Igreja na Gália, aberta pelo batismo do rei, assim como a conversão de Constantino o foi para a Igreja como um todo. Tal evento significa, para Gregório, o maior sinal de que Clóvis era um escolhido da Providência: a unção do rei com o óleo sagrado e a imersão na piscina batismal eram a consagração de Clóvis como o campeão do catolicismo no novo *Regnum Francorum*, que cada vez mais se confundia com a Gália.⁴⁴¹

O Reino Visigodo: a conversão de Recaredo.

Em 586, o rei visigodo Recaredo, pouco tempo após subir ao trono, abandona o arianismo e adota o catolicismo, marcando uma importante guinada nas relações entre monarquia visigótica e Igreja. Para o episcopado católico, era o início de um novo tempo na Hispânia.

O bispo João de Bicláro, em sua *Crônica* composta poucos anos após esse evento, nos transmite detalhes adicionais, como uma reunião de bispos arianos convocada por Recaredo, com o objetivo de fazê-los aceitar a fé de Niceia:

Recaredo, no primeiro ano de seu reinado, no décimo mês, se faz católico, com a ajuda de Deus e tendo se dirigido aos sacerdotes da seita ariana em uma sábia conversação, mais pela razão do que pela força, faz com que se convertam à fé católica, e chama a todo o povo dos godos e dos suevos à unidade e à paz da Igreja Cristã (JOÃO DE BÍCLARO, Cron., c. 21, tradução nossa).⁴⁴²

Alguns anos depois, em 589, Recaredo reúne um concílio dos bispos hispânicos na cidade de Toledo. A convocação do chamado III Concílio de Toledo é rememorada por Isidoro, bispo de Sevilha, nos seguintes termos:

⁴⁴⁰ Alone of all the Emperors from the beginning of time Constantine was initiated by rebirth in the mysteries of Christ, and exulted in the Spirit on being vouchsafed the divine seal, and was renewed and filled with divine light, rejoicing in his soul because of his intense faith, awestruck at the manifestation of the divinely inspired power.

⁴⁴¹ Esse rito não era de modo algum a unção real, realizada quando da coroação dos monarcas franceses nas Idades Média e Moderna, embora fosse interpretada posteriormente como tal. Na verdade era apenas um dos momentos da cerimônia batismal, que se aplicava a todos os neófitos.

⁴⁴² Recaredo, en el primer año de su reinado, en el decimo mes, se hace católico, con la ayuda de Dios y habiendo-se dirigido a los sacerdotes de la secta arriana en una sabia conversación, más por la razón que por la fuerza, hace que se conviertan a la fe católica, y llama a todo el pueblo de los Godos y de los Suevos a la unidad y a la paz de la Iglesia Cristiana.

Em seguida, reuniu um sínodo de bispos das diferentes províncias da Espanha e da Gália para condenar a heresia ariana. A este concílio assistiu o próprio religiosíssimo príncipe, e, com sua presença e sua subscrição confirmou suas atas. Com todos os seus abdicou da perfídia que, até então, havia aprendido o povo dos godos dos ensinamentos de Ário, [...] (ISIDORO DE SEVILHA, Hist. Goth., c. 54, tradução nossa) 443

Interessante notarmos o termo “religiosíssimo príncipe”, com o qual Recaredo é chamado. O monarca é o primeiro governante na *Historia Gothorum* (História dos Godos)⁴⁴⁴ a ser chamado desse modo, pois “religiosíssimo” só era aplicado aos soberanos considerados ortodoxos. Em Recaredo, este adjetivo se aplica principalmente em relação a sua conversão ao catolicismo, e também às suas pretensas virtudes cristãs, celebradas por Isidoro da seguinte maneira:

É interessante notarmos que não há comparação, na *Historia Gothorum*, do rei visigodo com o imperador romano Constantino. Segundo Reydellet (1981, p. 528), o motivo para tal omissão seria o fato de que Isidoro reprovava as tendências ao arianismo que Constantino teria manifestado no fim de sua vida. Como o cristianismo ariano era um “problema” cuja solução só foi alcançada recentemente, não seria bom, de acordo com o bispo de Sevilha, fazer memória de um governante considerado herege. Nesse ponto, Isidoro se diferencia muito de outros cronistas eclesiásticos da Antiguidade Tardia, que tomavam Constantino, se não como modelo de bom soberano, ao menos como exemplo de conversão à “fé verdadeira”.

O Biclarense, por outro lado, realiza essa comparação, porém enfatizando a convocação de concílios por parte dos dois monarcas. Ao reunir o III Concílio de Toledo, Recaredo seguia o exemplo dos imperadores romanos, que também ordenaram a reunião de sínodos importantes, como Niceia (325) e Calcedônia (451):

Reúne-se em Toledo por mandato do príncipe Recaredo um santo concílio de bispos, em número de sessenta e dois. [...] O citado rei Recaredo, pois, como temos dito, intervinha no santo concílio renovando em nossos tempos o antigo príncipe Constantino, o grande, que ilustrou com sua presença o santo sínodo de Niceia: e também o cristianíssimo imperador Marciano, a cuja instância se afirmaram os decretos do sínodo calcedonense. Pois na cidade de Niceia teve origem a heresia ariana, e mereceu sua condenação,

⁴⁴³ Seguidamente, reunió un sínodo de obispos de las diferentes provincias de España y de la Galia para condenar la herejía arriana. A este concilio asistió el proprio religiosísimo príncipe, y con su presencia y su suscripción confirmó sus actas. Con todo los suyos abdicó de la perfidia que, hasta entonces, había aprendido el pueblo de los godos de las enseñanzas de Arrio, [...].

⁴⁴⁴ A História dos Godos, escrita por Isidoro pro volta de 625, é uma espécie de “Espelho de príncipes” avant la lettre”, onde o bispo de Sevilha traça perfis curtos do reis visigodos, tirando lições de moral sobre cada governante a partir de suas ações.

sem terem sido arrancadas suas raízes. [...] Neste santo concílio toledano, pois, a perfídia de Ário, após muitas mortes de católicos e ruínas de inocentes, foi tão radicalmente cortada [...] havendo sido dada paz católica [universal] às Igrejas em todas as partes (JOÃO DE BÍCLARO, Cron., c. 24, tradução nossa).⁴⁴⁵

Em nossa opinião, a comparação entre Recaredo e Constantino feita pelo Biclarense se insere em um contexto de *imitatio imperii* por parte desse monarca. Recaredo intencionava continuar com a política de fortalecimento do poder real iniciada por seu pai Leovigildo. Ao reunir o III Concílio de Toledo, Recaredo se espelha nos imperadores do Oriente, que convocavam reuniões sinodais quando acreditavam ser necessário. Tais convocações, além do intuito de resolver questões doutrinárias e seus desdobramentos políticos, também eram uma demonstração da força da autoridade monárquica que os convocou. João de Bicláro, ao denominar o rei visigodo “novo Constantino”, visava agradar ao monarca, pois sua obra foi concluída logo após as reuniões conciliares de 589. Assim, a *Crônica* é também uma glorificação da obra centralizadora iniciada por Leovigildo e encerrada com chave de ouro por Recaredo, com a conversão ao catolicismo e a realização do III Concílio de Toledo.

Desse modo, a figura de Recaredo é revestida, de um caráter heroico. Sua conversão ao catolicismo é vista pelo episcopado hispano-godo como uma recriação do *regnum* hispânico, um novo começo que substituiu o “caos” anterior do arianismo (ANDRADE FILHO, 2007, p. 14).

Conclusões

Vimos que Constantino é o modelo para os escritores tardo-antigos, modelo este estabelecido por Eusébio de Cesareia. O que não significa que o imperador fosse considerado necessariamente modelo de virtude. O essencial era a sua conversão ao catolicismo e a sua abertura em relação ao episcopado, exemplo esses que, de acordo com o episcopado, deveriam ser seguidos pelos monarcas dos reinos

⁴⁴⁵ Se reúne en Toledo por mandato del príncipe Recaredo un santo concilio de obispos, en número de sesenta y dos [...] El citado rey Recaredo, pues, como hemos dicho, intervenía en el santo concilio renovando en nuestros tiempos al antiguo príncipe Constantino, el grande, que ilustró con su presencia el santo sínodo de Nicea: y también al cristianísimo emperador Marciano, a cuya instancia se afirmaran los decretos del sínodo calcedonense. Pues en la ciudad de Nicea tuvo origen la herejía arriana, y mereció su condenación, sin haber sido arrancadas sus raíces. [...] En este santo concilio toledano, pues, la perfidia de Arrio, tras muchas muertes de católicos y ruinas de inocentes fue tan radicalmente cortada, [...] habiendo sido dada católica [universal] paz a las Iglesias en todas partes.

germânicos para que seus *regna* pudessem prosperar e ser abençoados por Deus.

Referências bibliográficas

Fontes documentais

EUSEBIO DE CESAREIA. **Ecclesiastical history**. Cambridge: Harvard University, 1932.

EUSÉBIO DE CESAREIA. **Life of Constantine**. Oxford: Clarendon, 1999.

GREGÓRIO DE TOURS. **Histoire des Francs**. Paris: Les Belles Lettres, 2005.

ISIDORO DE SEVILHA. **Las Historias de los godos, vándalos y suevos**. (*De origine gothorum, historia wandalorum, historia sueborum*). León: Centro de Estudios S. Isidoro, 1975.

JOÃO DE BICLARO. Crônica. In: CAMPOS, J. (Ed.). **Juan de Biclaro, o bispo de Gerona: su vida y su obra**. Madrid: CSIC, 1960.

Obras historiográficas

CALMETTE, Joseph. Observations sur la chronologie du règne de Clovis. **Comptes-rendus des séances de l'Academie des Inscriptions et des Belles-Lettres**. Paris, 90 année, n. 02, p. 193-202, 1946.

DALY, William M. Clovis: how barbaric, how pagan?. **Speculum**, Cambridge, v. 69, n. 03, p. 619-664, 1994.

LEVILLAIN, Léon. La conversion et le baptême de Clovis. **Revue d'histoire de l'Église de France**, Paris, tome 21, n. 91, p. 161-192, 1906.

MARVILLA, Miguel. **O império romano e o reino dos céus: a construção da imagem sagrada do imperador em "De laudibus Constantini", de Eusébio de Cesareia (séc. IV d.C)**. Vitória: Flor & Cultura, 2007.

OAKLEY, Francis. **Kingship**: the politics of enchantment. Oxford: Blackwell, 2006.

REYDELLET, Marc. **La royauté dans la littérature latine**: de Sidoine Apollinaire à Isidore de Seville. Rome: École Française de Rome, 1981.

WOOD, Ian N. **The Merovingian kingdoms** (450-751). New York: Longman, 1994.